

GWEN PAGE apressou-se a orientar um leitor no labirinto que era o segundo andar da biblioteca onde trabalhava. Costumava ter tempo para conversar, mas, naquela tarde de sábado, em março de 1994, essa bibliotecária de 40 anos queria assistir a uma pequena cerimônia de serenidade, conduzida por um grupo de monges tibetanos, no salão principal, ali mesmo ao lado. Entregou o livro ao leitor, pediu licença e saiu.

Passou pela escada rolante e dirigiu-se à sala de exposições. No meio, ficava uma mesa e, à direita, a sala de reuniões. Tinham-se reunido cerca de 100 pessoas para a cerimônia.

Gwen, com pouco mais de 1,50 m de altura e menos de 50 kg, mal conseguia ver os monges. Virou-se, então, para voltar à sua sala, mas estacou, incrédula, logo a seguir. Um homem magro e ruivo, envergando uniforme de combate, tinha



Numa das mãos, ele tinha uma arma. Na outra, o detonador de uma bomba. E o prazo de vida que dera a seus reféns aproximava-se do fim.

**«Não se mexam!
Estou com
uma bomba!»**

MICHAEL BOWKER



subido na mesa, ali a cerca de 1 m dela. Em sua mão direita empunhava um revólver.

«Não se mexam! Estou com uma bomba!», gritou, brandindo a arma e apontando para uma mochila que trazia às costas. «Quero reféns. Sigam minhas ordens ou todo mundo morre!»

Assustadas, as pessoas recuaram, buscando um lugar onde se esconder. O coração de Gwen galopava. Olhou para cima e ficou estarelecida ao verificar que o terrorista a observava. Apesar da barba malcuidada que lhe cobria o queixo, seu rosto era jovem. «Ele é pouco mais que um menino», pensou a bibliotecária, mas em seu olhar enlouquecido transparecia uma intensidade aterradoradora.

«Você aí», disse ele, olhando para o cartão de bibliotecária de Gwen. «Abra aquelas portas.» Ele havia prendido sua arma ao punho, e agora indicava a sala de reuniões com ela. «Vou levar para lá meus reféns.»

Reunindo toda a sua coragem, Gwen percorreu rapidamente os 12 m que a separavam da porta da sala indicada e abriu-a. Quando o fez, o jovem virou-se para os outros e mandou que eles fizessem passar um envelope selado que continha suas exigências até um dos monges tibetanos. Queria que o texto fosse enviado a um jornal. O monge não sabia inglês, por isso um homem que estava a seu lado, Carl Robinson, ficou com a carta e disse que o faria.

Gwen estava agora longe do terrorista. Ficaria protegida por um cor-

redor de livros se fugisse para as escadas. Mas pensou: «Não posso fazer isso. Poderia enfurecê-lo e talvez ele ferisse os outros.»

Apontando sua arma, o homem levou os reféns (quatro homens e cinco mulheres, inclusive Gwen) para a sala de reuniões, um recinto de 7,5 m X 18 m. «Empurrem aquela mesa para cá», ordenou, e eles deslocaram uma grande mesa de carvalho para uma posição perpendicular à parede, entre as janelas panorâmicas.

O seqüestrador então retirou algo de sua mochila e colocou sobre a mesa. Gwen viu tratar-se de uma caixa de metal retangular. Os fios que dela saíam estavam presos a um ferro de frisar cabelo que o terrorista trazia na mão esquerda. «Meu Deus», sussurrou a bibliotecária. «Ele está mesmo com uma bomba!»

«Quero agora que todos coloquem cadeiras em volta da mesa, mas que se sentem de costas para ela», continuou ele, ficando na parte de trás da mesa, com as costas apoiadas contra a parede. «Assim vocês não vêem a bomba explodir.»

Gwen e os outros reféns acabavam de se sentar quando um homem de *jeans* e blusão entrou pela porta, parecendo confuso. A bibliotecária susteve a respiração, quando, assustado, o terrorista se virou e apontou para ele a arma.

O recém-chegado estendeu as mãos num gesto de submissão: «Não sei o que está acontecendo aqui, mas você está me assustando com essa arma.»

Os olhos do pistoleiro estavam semicerrados: «Eu é que mando aqui», disse, mantendo o revólver apontado para o novo refém. «Agora, sente aí e fique quieto. Quem é você?»

«Meu nome é Lloyd Prescott», respondeu o homem.

«Bem, Prescott, se a polícia entrar nesta sala, você vai ser o primeiro a ser abatido.»

Gwen rezou para que o infeliz não entrasse em pânico. O que ela não sabia era que ele estava exatamente no lugar que pretendia.

HOMEM de 45 anos, o tenente Lloyd Prescott era um policial veterano, mas, à paisana e fingindo-se amedrontado, em nada se parecia com alguém experiente. Aos sábados, normalmente ia pescar ou passeava a pé com seus dois filhos, mas naquela manhã estivera pondo o trabalho em dia no escritório, a meio quarteirão da biblioteca.

Pouco antes das 10 da manhã, ouviu alguém gritar na sala de entrada da delegacia, supostamente vazia: «Um homem armado acaba de entrar na biblioteca. Está fazendo reféns.» Com sua semi-automática no coldre sobre o quadril direito, ele correu para o local.

No primeiro andar, furou pelo meio da multidão assustada que tentava sair do edifício e foi direto ao segundo andar. Ao chegar, viu Robinson correr para ele, de mãos no ar e gritando: «Fuja! É um seqüestro. O sujeito está com um revólver e uma bomba!»

«Não há problema», disse Prescott

calmamente, mostrando-lhe seu distintivo. «Onde é que ele está?»

«Na sala de reuniões», respondeu Robinson, apontando para a porta.

O policial dirigiu-se rapidamente para lá. «Não posso entrar lá dando tiros», raciocinou. «A bomba podia estourar. Minha única chance de proteger os reféns é entrar lá e me fazer de refém.»

QUANDO Prescott se sentou, os outros seqüestrados começaram a perguntar ao terrorista o que ele pretendia. «Aqui estão cópias de minha carta com exigências», respondeu ele, entregando a Gwen uma pilha de fotocópias para distribuir pelos outros.

Passando os olhos pelo documento manuscrito de dez páginas, Prescott reconheceu os devaneios de uma mente colérica e perturbada:

«Ao: Chefe de polícia.

De: Clifford Lynn Draper, seqüestrador.

... A necessidade de sono poderá me obrigar a abater os reféns e detonar a bomba, se minhas exigências não forem satisfeitas dentro de cerca de 72 horas.»

A maior parte da carta era dirigida contra a polícia, grupos minoritários e homossexuais. «Também luto por minha moralidade, por meus ideais, por minha raça e minha herança», concluía ele. «Viverei livre ou morrerei.»

Gwen levantou a cabeça da folha e viu que Draper lhe apontava a arma para a sua cabeça. «Senhora bibliotecária», disse ele, no tom exa-

geradamente delicado que utilizava para com ela, «olhe lá para fora e me diga se já se vê a SWAT na sala ao lado.»

Gwen foi até uma janela e, afastando as persianas, olhou para fora. Viu a cabeça de um policial uniformizado e a silhueta de outro, perto da escada rolante.

«É melhor dizer a verdade a ele», ponderou. «Draper pode matar alguém se descobrir que estou mentindo.»

«Estou vendo, sim», confirmou.

«Eu sabia!», gritou Draper. «É melhor que esses *punks* incompetentes sumam daqui antes que eu mande todo mundo pro inferno!»

Gwen susteve a respiração até o discurso do seqüestrador acabar. Olhando ao redor, viu que os rostos dos outros reféns estavam tensos, mas reinava calma.

Draper disse a um dos seqüestrados para tirar um pequeno transístor de sua mochila e sintonizar uma estação de roquenrol. Durante a meia hora seguinte, falou pouco, satisfeito com a música, mas por volta das 11, uma hora após o início de todo o drama, voltou a ficar inquieto. «A senhora, olhe pelas persianas e me diga se os guardas ainda estão aí», ordenou à bibliotecária.

Gwen estava decidida a não provocar Draper. Fora sempre a aluna menorzinha da sala no ambiente duro de sua escola, situada numa zona rural, e mostrar-se destemida a ajudara a vencer sua falta de altura.

Indo calmamente até a janela, afastou as persianas. Só conseguiu ver o

reflexo do capacete de um policial na superfície de metal brilhante da escada rolante. O destacamento da SWAT ainda estava lá, não havia dúvida. «Mas o que é que eu digo a Draper?», perguntou-se. «Ele ficou tão furioso da outra vez que eu confirmei que havia policiais lá fora...»

A bibliotecária virou-se para trás e olhou para ele. O seqüestrador estava apontando para ela o revólver. «Não estou vendo *ninguém*», mentiu, com um coração aos pulos.

Draper olhou fixamente para ela, indicando-lhe depois sua cadeira com a arma.

«Bom», respondeu ele. «Assim é melhor.»

Gwen sentou-se, aliviada por sua opção ter funcionado.

ENQUANTO Draper se distraía com a bibliotecária, Prescott olhou para a bomba por cima do ombro e fez uma careta. O seqüestrador elaborara um disparador puxando dois fios desencapados da caixa até as duas pernas do ferro de frisar, um no flange e outro na barra de aquecimento. A mola que mantinha o cabo aberto, uma vez acionada, mantinha os dois pólos elétricos afastados. «Se ele soltar aquilo e permitir que os pontos de contato se toquem, a bomba explodirá», percebeu Prescott.

O engenho era claramente de fabrico caseiro, com fita adesiva e elásticos de borracha segurando os fios. As inúmeras bolas de chumbo coladas à parte exterior da lata tinham sido concebidas para saltar

com a explosão, transformando-se numa metralha de fragmentos letais. Prescott sabia o perigo que aquilo representava.

Foi então que Draper surpreendeu Prescott olhando para a bomba atrás dele. «É provável que nenhum de nós saia daqui vivo», disse, enraivecido.

EM SEU posto de comando, próximo dali, o xerife Aaron Kennard falou com várias pessoas que tinham fugido da biblioteca. Carl Robinson conseguiu identificar Prescott através de fotografias, permitindo a Kennard saber que seu primeiro-tenente estava lá como refém. Mas não sabia se Prescott se encontrava armado nem se Draper sabia que ele era agente de polícia.

O que mais preocupava Kennard era o ódio irracional que Draper expressara. «Ele mata o Prescott sem nenhuma dúvida se descobrir que se trata de um policial», pensou. Mas pouco podia fazer enquanto Draper tivesse a bomba. «Não podemos entrar por ali adentro, senão ele faz aquilo tudo ir pelos ares», disse, frustrado, a um colega. «Resta-nos a esperança de que a bomba seja falsa.»

Como o nome de Draper constava na carta, em poucos minutos ele foi processado em todos os computadores da polícia, ficando-se a saber que o seqüestrador se hospedara num hotel daquela cidade. Quando passaram revista em seu quarto, os policiais descobriram ferramentas usadas para fazer bombas, além de literatura sobre explosivos.

«Não há dúvida», comunicou Kennard à sua equipe. «Ela é verdadeira.»

NO INTERIOR da sala de reuniões, Draper estava preocupado: os fios da bomba estavam se soltando do ferro de frisar. «Tire um pouco de fita isolante de minha mochila e corte-a em tiras. Pode utilizar o canivete, se precisar», disse ele para Michael Greer, uma de suas vítimas. Quando este terminou a tarefa, Draper fixou melhor os fios.

Enquanto o terrorista se mantinha ocupado, Prescott levou a mão à sua pistola. «Acabo com ele agora?», perguntou-se. «Haverá outra oportunidade?» Quase sacou a arma, mas quando Draper levantou os olhos, ele tirou a mão dela. «Ainda é arriscado demais.»

Resolveu então avaliar seus companheiros de seqüestro. Até ali, todos pareciam estar se agüentando. Gwen fingia-se descontraída e composta. O policial sentiu um acesso de admiração pela pequena bibliotecária: desconfiava que ela enganara Draper a respeito da SWAT, que ele sabia já ter certamente tomado posição no salão principal. «Essa mulher foi muito corajosa», julgou, «especialmente sabendo que tinha uma arma apontada para ela.»

DURANTE a hora que se seguiu, Draper ouviu rádio e ameaçou os reféns. Recusava-se a negociar com a polícia. Em vez disso, mandou Greer telefonar para a estação de rádio com o aparelho sem fio que havia na sala de reuniões. Depois, começou a se

queixar de suas exigências não cumpridas. «Isto é guerra, será que eles não compreendem?», gritava. «Os tiras estão testando minha firmeza e eu estou chegando ao ponto em que poderei começar a escolher nos palatinhos quem vai morrer para conseguir alguma coisa!»

Ordenou a Greer que desligasse o telefone, apontando depois a arma para Gwen. «Senhora bibliotecária, pegue o canivete e corte em pedaços a corda, um para cada refém», disse em tom monocórdio. «Quem ficar com o bocado menor morre primeiro. Os tiras têm de saber que não estou de brincadeira.»

Prescott compreendeu que já não havia mais tempo. Analisando melhor a bomba, distinguiu pólvora preta, um material volátil, mas não particularmente potente. Calculou que, mesmo que o engenho fosse suficientemente forte para disparar as bolas de chumbo em metralha, seria pouco provável que estas passassem através do tampo pesado da mesa. «Se eu conseguir dar aos outros tempo suficiente para mergulharem debaixo da mesa antes da explosão, ainda terão uma chance», calculou.

Para fazer isso, teria de esperar até o último instante possível para atirar, o que significava que provavelmente iria ter de se expor a alguns tiros da arma de Draper, à metralha ou a ambos. Mas não havia escolha: se vacilasse por um segundo, os reféns poderiam morrer todos.

Do outro lado da mesa, Gwen se encontrava de pé, defronte de Dra-

per. Prescott deslizou vagarosamente a mão por dentro da camisa até a pistola. «Se ao menos eu conseguisse distraí-lo», pensou.

Como se tivesse lido o pensamento do policial, Gwen começou a se afastar de Draper. «O que é que você está fazendo?», perguntou ele.

«Não sei onde está o canivete», respondeu Gwen vagarosamente.

Draper franziu as sobrancelhas. Então, lembrando-se que estava bem ali ao lado, virou-se para pegá-lo.

Era o momento pelo qual Prescott tinha aguardado: pegando sua arma e pondo-se de pé de um salto, gritou: «Polícia! Todos para o chão!»

Para Gwen parecia que tudo aquilo se desenrolava em câmera lenta. Tal como os outros reféns, ela se atirou ao chão. Draper, aparentemente confundido pelo grito de Prescott, rodou lentamente na cadeira e voltou sua arma para o policial. Empregando toda a sua força de vontade, o tenente esperou até conseguir ver o cano da pistola de Draper. Por fim, certo de que os reféns se encontravam por terra, disparou cinco tiros sobre o seqüestrador, ferindo-o mortalmente, antes que este disparasse um tiro sequer.

Gritou para os reféns que saíssem, receando que a bomba explodisse. Enquanto todos fugiam pela porta, o pessoal da SWAT entrou pelas janelas, assumindo o controle da situação.

MAIS TARDE, o esquadrão de explosivos concluiu que o engenho de Draper se encontrava instável de-

mais para ser retirado de onde estava. Detonado na sala de reuniões, cavou buracos pelo teto e paredes, mas não atravessou o tampo da mesa. Prescott tinha razão: os seqüestrados teriam ficado em segurança.

Mas por que a bomba não reben-tara após Draper ter largado o detonador na seqüência do tiroteio? «Quando ele enrolou novamente os fios no ferro de frisar», explicou Kennard a Prescott, «pôs acidentalmente uma quantidade de fita tal que, quando largou o detonador, um pólo não tocou o outro. Aquele

centímetro de fita foi o que salvou sua vida.»

A proximidade daquele contato com a morte foi lembrada numa cerimônia em plena prefeitura. Ali, enquanto a presidente Deedee Corradini referia o extraordinário heroísmo do tenente Lloyd Prescott e de Gwen Page, a assistência se manteve muito quieta. Havia gente até com lágrimas nos olhos. Foi só quando os dois se levantaram e se dirigiram ao local onde receberiam suas condecorações que a multidão irrompeu em gritos e aplausos.

ILUSTRAÇÃO: EDWIN HERDER

Concorrente da laranja

UMA COMIDA de que se alimentam há milênios os aborígenes do Norte da Austrália tem a honra de ser a mais rica fonte natural de vitamina C. Segundo uma pesquisa apresentada no Congresso Internacional de Nutrição realizado em Adelaide, a vitamina C constitui 5% do peso da ameixa *Terminalia ferdinandiana*, o que representa 100 vezes a concentração encontrada nas laranjas e cinco vezes a que se encontra na cereja do Havaí, segunda fonte mais rica.

Jennie Brand Miller, da unidade de nutrição humana da Universidade de Sydney, afirma que as árvores que produzem esse fruto crescem nas ruas de Darwin. Essa ameixa é um tipo de alimento muito popular entre as crianças aborígenes; tem agora aparecido nos cardápios dos restaurantes australianos e em lojas de comida natural, fora daquele país. O fruto, acrescenta ela, tem gosto de casca de limão.

— Brett Wright, em *New Scientist*, Reino Unido

Só visto

NA MINHA qualidade de detetive, tive de fazer investigação porta-a-porta após uma série de assaltos. Numa das últimas casas a que me dirigi, uma senhora de idade me atendeu. Eu disse a ela que era da polícia e mostrei-lhe meu cartão com a fotografia, que ela observou atentamente.

— Sim, sim — disse ela. — Já o vi, mas não me lembro onde.

— Charlie Piekema, Holanda